



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

4th MASSAS

ÓRGÃO BISSEMANAL DO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO
MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL
ANO 33- Nº 631 **ESPECIAL** 8 DE MARÇO DE 2021 - R\$ 2,00

8 de março, Dia Internacional da Mulher Trabalhadora



**Arrancar pela raiz a opressão
sobre a mulher, que se encontra
na propriedade privada dos meios
de produção e na escravização do lar**

**A emancipação da mulher virá
com a revolução proletária e construção
da sociedade socialista**

Manifesto do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional

8 de março, Dia Internacional da Mulher Trabalhadora

O capitalismo em desintegração agrava todas as formas de opressão de classe, em particular a opressão sobre a mulher. Somente o proletariado organizado pode combatê-la e eliminá-la. O Dia Internacional da Mulher resultou da luta de classes e constituiu um marco na tarefa histórica de superar a odiosa discriminação e subordinação da mulher ao homem. É parte do programa da revolução socialista, acabar com a servidão da mulher no lar, na família. É com esse objetivo, que o Comitê de Enlace

demia, se impôs sob a forma da política burguesa do isolamento social. Que, para preparar o Dia Internacional da Mulher, se convoquem assembleias e reuniões intersindicais, objetivando a retomada da luta nas ruas das massas oprimidas. Essa é a condição para os explorados se valerem do Dia Internacional da Mulher, para erguerem um movimento sob as bandeiras e a estratégia revolucionária, próprias da classe operária e demais explorados.

O Dia Internacional da Mulher Trabalhadora surgiu a partir da luta das mulheres operárias, e foi estabelecido em 1910, pela Segunda Conferência da Internacional de Mulheres Socialistas, realizada em Copenhague, Dinamarca. Em 1921, a Conferência de Mulheres Comunistas, realizada junto ao Congresso da III Internacional, estabeleceu um dia mundial unificado: 8 de março. A data foi escolhida em homenagem às operárias russas que, em 8 de março (23 de fevereiro no calendário russo) de 1917, fizeram uma greve por pão e paz, que foi o estopim da Revolução de Fevereiro. É preciso recordar sempre a origem operária e revolucionária desta data, e a definição de mulher trabalhadora, que a burguesia procurou desfigurar.

Neste último ano, vivemos um agravamento das condições trabalhistas e de vida, multiplicados pela pandemia. Aumentou a pobreza, foram destruídos milhões de postos de trabalho, avançou a miséria, se ampliou a discriminação salarial e se impulsionou a destruição de direitos.

A pandemia golpeou mais os mais pobres e miseráveis. E, entre eles, mais ainda as mulheres, que foram as que sofreram a sobrecarga do trabalho doméstico, e



E preciso recordar sempre a origem operária e revolucionária desta data, e a definição de mulher trabalhadora, que a burguesia procurou desfigurar.

pela Reconstrução da IV Internacional luta para que os sindicatos, movimentos e correntes que se reivindicam dos trabalhadores organizem o dia 8 de Março, como ponto de partida da defesa dos empregos, salários, direitos sociais, saúde pública, e fim de todas as formas de discriminação. Que rompam com a subordinação à política burguesa, que, nas condições da pan-

Escute o Massas,
podcast do Partido Operário Revolucionário

ACESSE O NOSSO CANAL:

anchor.fm/por-massas

(Através desse link, é possível acessar outras plataformas, como o Spotify)

No podcast Massas, você ouve episódios sobre a conjuntura nacional e internacional, e sobre as manifestações da luta de classes, além de ouvir a cobertura das atividades e atos políticos presenciais realizados pelo POR, dentre outros episódios.



**PARTIDO OPERÁRIO
REVOLUCIONÁRIO**

as que, em maior proporção, perderam os empregos. As mulheres são as que mais participam na organização e cuidados dos afazeres nos bairros populares. São as que cuidam das crianças sem escola.

À já grave situação de existência das massas trabalhadoras, se somou o fechamento de milhares de fábricas, oficinas e comércios. A maioria deles não será recuperada, e, se parte for recuperada, será em piores condições para os trabalhadores. Assim, aumenta a violência e a opressão sobre a maioria oprimida e, principalmente, sobre a mulher trabalhadora.

A burguesia e seus governos não utilizaram todos os recursos para enfrentar o desastre sanitário, privilegiando os interesses da medicina privada e dos laboratórios. Evidenciou o desmantelamento dos sistemas públicos de saúde na maioria dos países, inclusive nos mais desenvolvidos. Assistimos até onde chega a podridão capitalista, na disputa pelas vacinas, com um punhado de países acumulando 80% da produção, impondo os preços e condições por trás de cada vacina, evitando que se utilize a capacidade de produção de numerosos países, que poderia produzir, o mais rápido possível, a maior quantidade de vacinas, e chegar com urgência aos mais necessitados, aos que estão mais expostos às consequências do vírus. Essa disputa também ocorreu no ano passado, ao redor dos respiradores, equipamentos hospitalares, e até máscaras.

O capitalismo, que acumulou incalculáveis riquezas em poucos séculos, se mostrou incapaz de deter a produção de mercadorias, e garantir as condições de vida das massas, durante algumas semanas, para interromper a circulação do vírus. Sem vacinas e com os sistemas de saúde debilitados, a maioria ficou à mercê do contágio e suas consequências. Todas as políticas aplicadas fracassaram.

As mobilizações populares, que cresciam em todas as regiões, contra as reformas da Previdência e trabalhista, contra os aumentos insuportáveis das tarifas, contra todas as formas de ajuste, contra as demissões massivas, enfrentando a deterioração das condições de vida e trabalho, foram bloqueadas transitoriamente com a pandemia, pelo temor ao vírus desconhecido, mas, principalmente, pelo papel das direções políticas e sindicais. Direções que se submeteram às decisões dos governos, chamando a ficar em casa, a evitar assembleias, as mobilizações, as lutas, enquanto as empresas aproveitavam a pandemia para demitir, fechar, suspender e precarizar mais ainda as condições de trabalho.

Nessas mobilizações populares, em todo o mundo, se destacou a intervenção das mulheres. Nos últimos meses, as lutas massivas retornaram. Não há como manter o isolamento social, não há como ficar trancado em casa, se não há dinheiro, se não há salário para se sustentar; assim, apesar de tudo, reaparece a necessidade de resistir. Esse ano será tão duro ou pior quanto o que passamos. Cabe a nós tomar em nossas mãos a luta por saúde, salário, postos de trabalho e defesa das conquistas.

Este 8 de Março deve ser um dia de luta, de combate, de resistência, parando a produção, tomando as ruas massivamente, defendendo todas as nossas reivindicações como mulheres oprimidas. Essa é a via para enfrentar o capitalismo decadente, em crise, que se afunda e nos empurra à barbárie. É preciso organizar e mobilizar as mulheres.

tas, alcançadas em décadas de duras lutas.

A desintegração capitalista, que se arrasta desde 2008, e ainda não foi superada, se generalizou a todo o mundo, simultaneamente. Pôs em evidência, dramaticamente, a incapacidade de todos os governos de responderem à crise. A guerra comercial entre as principais potências não se deteve, e ainda se demonstrou na luta por apoderar-se dos recursos sanitários, ou como utilizá-los para tirar vantagens.

É nesse quadro de desintegração que fica claro o papel traidor das direções sindicais e políticas, que são arrastadas pelos governos. Ficaram paralisadas, diante da catástrofe social, para auxiliar os capitalistas, e rejeitaram qualquer forma de resistência ou organização independente dos trabalhadores. Continuam submetidas ao parlamentarismo, à conciliação de classe, adaptando-se às imposições do grande capital, quando a burguesia abandona as formas democráticas, mostrando-se cada vez mais autoritária.

É imprescindível uma resposta de conjunto do movimento operário, com a sua própria política, com seus próprios métodos de luta. Este 8 de Março deve ser um dia de luta, de combate, de resistência, parando a produção, tomando as ruas massivamente, defendendo todas as nossas reivindicações como mulheres oprimidas. Essa é a via para enfrentar o capitalismo decadente, em crise, que se afunda e nos empurra à barbárie. É preciso organizar e mobilizar as mulheres.

Lutemos em defesa dos postos de trabalho! Por trabalho a todos! Contra toda forma de precarização trabalhista! Por salários e aposentadorias que garantam as condições de existência da maioria oprimida! Contra toda discriminação salarial e trabalhista!

É necessário impor o controle dos recursos, para impulsionar o sistema de saúde. Estatizar laboratórios e todo o sistema privado, sob o controle dos trabalhadores! Por uma campanha, para garantir com urgência a vacinação de toda a população, começando pelos mais miseráveis, que sempre são os mais afetados!

Pelo direito ao aborto e à maternidade! Pela socialização das tarefas domésticas, de tal forma a incorporar massivamente as mulheres no processo de produção social. Por massivos planos de obras públicas, para resolver o enorme déficit de moradias!

As centrais sindicais deveriam convocar uma greve geral, levantando as reivindicações das mulheres trabalhadoras e de todo o movimento operário. As mulheres são a metade da sociedade. Nosso salário é inferior ao dos homens em atividades similares. Somos a maioria dos desempregados e precarizados. Somos as que, em maior medida, se expõem à pandemia.

Para travar essa luta, é necessária a independência política diante dos governos, da burocracia sindical e dos empresários. É necessário superar as ilusões no Congresso, nas leis e nas eleições. Confiar exclusivamente em nossos próprios métodos de luta e organização, e pôr em pé uma nova direção, revolucionária.

Partimos da certeza de que não há possibilidade de reformas sob o capitalismo. Que a situação das massas não parou de piorar nas últimas décadas. Tudo indica que, sob o capitalismo, será cada vez pior. Os sinais da barbárie são mais e mais visíveis.

A luta das mulheres trabalhadoras é parte da luta de toda a classe operária, de todos os oprimidos. Recha-

WEBINAR

Homenaje a la Mujer Revolucionaria

A Horas:
16:00pm
17:00pm
17:00pm

Organizado por:
Mujeres revolucionarias

Transmitido por:
Partido Mundial de la Revolución Socialista
CERCI

Por un 8 de Marzo Revolucionario y Socialista
VIVA LA LIBERACIÓN DE LA MUJER!
que será producto de la nueva sociedad

Sábado 6 de Marzo

- Flora Tristan - Inicios del feminismo con el proletariado
- Rosa Luxemburgo - La militancia de la mujer revolucionaria
- Clara Zetkin - La organización del movimiento de mujeres obreras

Sábado 13 de Marzo

- Alejandra Kollantai - las conquistas de las mujeres hacia su liberación en el primer Estado Obrero
- Larissa Reissner - Mujeres Revolucionarias
- Movimiento de las mujeres de Latinoamérica

Sábado 20 de Marzo

- Balance del actual movimiento femenino, realidad de la mujer, feminismo vs marxismo. (Participan de Bolivia, Argentina, Chile, EEUU, y otras invitadas.)

A luta das mulheres trabalhadoras é parte da luta de toda a classe operária, de todos os oprimidos. Rechaçamos toda a tentativa de dividi-la artificialmente.

çamos toda a tentativa de dividi-la artificialmente. Aproveitamos a preparação desta jornada, para compreender e defender também essa questão essencial: a opressão sobre as mulheres tem a sua raiz na propriedade privada dos meios de produção, é parte da opressão capitalista. Portanto, a libertação da mulher trabalhadora e a igualdade com os homens somente será possível por meio da revolução social, protagonizada pela maioria oprimida, sob a direção da classe operária. Essa é a única via para acabar de uma vez por todas com a servidão da mulher na família, e com todas as formas de opressão.

Lembremos que a grande **Revolução Russa de 1917** tomou entre as suas primeiras medidas aquelas que aboliam toda discriminação contra a mulher, a igualdade jurí-

dica dos direitos deveria preparar o caminho para a igualdade real. As mulheres jogaram um papel ativo na Revolução, e era claro que teriam um papel essencial na construção do socialismo. Papel que foi abortado pela política contrarrevolucionária do estalinismo.

Nossa homenagem, neste 8 de março, dia das grandes lutadoras de toda a vida, nas guerras de independência, nas revoluções sociais, na formação dos sindicatos, nas greves, nas lutas democráticas. Nossa homenagem às mulheres, que elaboraram a teoria revolucionária, ajudando a tornar consciente o lugar da mulher na sociedade e a sua importância fundamental na luta de classes, por sua transformação e construção da nova sociedade sem classes, comunista.

Comitê De Enlace pela Reconstrução da IV Internacional - Fevereiro de 2021

Publicado o livro:

RESPOSTA MARXISTA ÀS OPRESSÕES

As distintas opressões têm em comum a raiz de classe da opressão social. As suas particularidades exigem respostas que levem ao programa da revolução proletária. Este livro sustenta essa premissa marxista, que se choca frontalmente com o conservadorismo e o reformismo burgueses.

RESPOSTA MARXISTA ÀS OPRESSÕES

R\$ 35

ADQUIRA COM NOSSO DISTRIBUIDOR

**Manifesto do Partido Operário Revolucionário
às mulheres exploradas e oprimidas****Que o 8 de março seja o marco
da retomada da luta presencial por empregos,
salários, direitos, fim das discriminações
e por vacinação universal, a começar
pelos pobres e miseráveis**

Se os explorados, em geral, estão vivendo o pior dos mundos com a combinação entre a crise econômica e a crise pandêmica, as mulheres operárias, camponesas, indígenas e da pequena burguesia arruinada estão carregando em seus ombros, de forma ainda mais pesada, os seus efeitos. Enfrentam, junto aos homens de suas classes e etnias, o fechamento das fábricas, a queda nos rendimentos, a alta informalidade, as contrarreformas, a ofensiva do latifúndio, o obscurantismo religioso e toda discriminação racial. Porém, ainda sofrem de forma particular, de várias maneiras, a opressão de classe sobre as mulheres.

As mulheres são punidas por exercerem a função social da maternidade, sendo as primeiras a serem demitidas, subocupadas e as últimas a conseguirem voltar ao trabalho formal. A taxa de desemprego entre as mulheres é quase 40% maior do que a dos homens. O número de mulheres fora da força de trabalho passou de 41,9 milhões no último trimestre de 2019, para 50,47 milhões no mesmo período de 2020, 8 milhões a mais do que as que estão na força de trabalho. Do terceiro trimestre de 2019 para o de 2020, a taxa de participação das mulheres na força de trabalho caiu de 53,3% para 45,8%. Ou seja, a maioria das mulheres nem

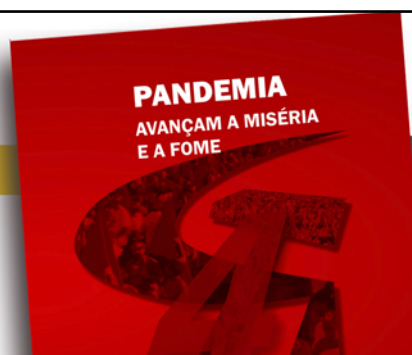


As mulheres são punidas por exercerem a função social da maternidade, sendo as primeiras a serem demitidas, subocupadas e as últimas a conseguirem voltar ao trabalho formal.

trabalha e nem busca emprego. Vale lembrar que, antes da pandemia, a taxa de participação das mulheres na força de trabalho já era de 49% entre mulheres pretas com filhos de 3 anos de idade ou menos e de 45% no Nordeste. Sob a estatística geral, ainda operam as discriminações raciais e regionais.

Publicado o livro:**PANDEMIA****AVANÇAM A MISÉRIA E A FOME**

A classe operária, desorganizada e estilhaçada mundial e nacionalmente pela crise de direção, se sujeita à política pandêmica, que aterroriza as massas, com a campanha orquestrada internacionalmente pelo imperialismo, e executada nacionalmente pelos Estados. Sem o seu partido e sem uma vanguarda internacional com elevada consciência de classe, e capaz de desenvolver o programa da revolução proletária, os explorados ficam à mercê das respostas burguesas à crise econômica e pandêmica.

**R\$40****ADQUIRA
COM NOSSO
DISTRIBUIDOR**

No balanço de postos de trabalho formais gerados e destruídos sob a pandemia, em 2020, o saldo foi de criação de 168 mil empregos formais para homens e a destruição de 95 mil para as mulheres. O aumento sazonal de fim de ano explica o saldo positivo para os homens. Em 2020 as perdas foram generalizadas em termos de ocupação, porém foram ainda mais atingidos os setores que concentram o trabalho feminino como os serviços (perda de 21,3% na ocupação) e serviços domésticos (perda de 19%). No trabalho doméstico, onde predominam as mulheres negras, 70% não possuem Carteira de Trabalho assinada. Sob a pandemia cresceu o despotismo dos patrões que, mesmo infectados, obrigam trabalhadores a servi-los. Entre os setores que tiveram alta de contratação, como os serviços públicos de saúde, é grande a presença de mulheres em suas camadas mais pauperizadas, que, ao mesmo tempo em que garantiu o emprego, expôs estas mulheres diretamente ao vírus, muitas vezes sem proteções básicas, como atestam os diversos protestos de profissionais da saúde.

Outro aspecto a ser destacado é o impacto das contrarreformas na vida das mulheres. Desde a crise de 2015, está havendo a redução no orçamento para as áreas sociais como saúde, educação e previdência além de medidas que destroem direitos trabalhistas e previdenciários.

Quanto à renda, segundo o IBGE, em 2019, as mulheres tiveram um rendimento que corresponde a 3/4 em relação ao dos homens (R\$2.555 contra R\$1.985). Sob a pandemia esta desigualdade certamente se aprofundou. O auxílio emergencial, com valor e abrangência insuficientes, diante das necessidades das famílias trabalhadoras, impediu que as camadas mais pobres caíssem diretamente na miséria, porém, rapidamente o valor despencou pela metade e depois foi extinto. Desde o aprofundamento da crise econômica, no Brasil, em 2015, com a alta do desemprego, cortes em programas sociais e direitos trabalhistas, o contingente de miseráveis e famélicos

vem se agravando. Estima-se que, em julho de 2020, 15 milhões de pessoas estavam passando fome no Brasil. 90% das mães de favelas relataram dificuldades para comprar comida para suas famílias no quadro de alto desemprego e fim do auxílio.

Entre as meninas e mulheres jovens, além do efeito destruidor e excludente do Ensino a Distância sofrido em geral, agrega-se o peso das tarefas domésticas e gravidez precoce. A quantidade de jovens de 20 a 24 anos que não estudam e nem trabalham saltou de 28,6% no último trimestre de 2019 para 35,2% no segundo trimestre de 2020, dentre eles a maioria é feminina.

Outro aspecto a ser destacado é o **impacto das contrarreformas na vida das mulheres**. Desde a crise de 2015, está havendo a redução no orçamento para as áreas sociais como saúde, educação e previdência além de medidas que destroem direitos trabalhistas e previdenciários. Se, por um lado, isso gera a mercantilização dos direitos sociais, transformados em serviços, há uma ampla camada que não pode pagar por eles e as mulheres acabam tendo de suprir

com mais trabalho doméstico não remunerado aquilo que é destruído junto com antigas conquistas quanto à educação, saúde e previdência. Se antes da pandemia, as mulheres já dedicavam mais horas que

os homens ao trabalho doméstico, agora o tempo dedicado ao cuidado de crianças, idosos e pessoas com deficiência se intensificou, com o fechamento das escolas e creches, sobrecarga dos hospitais e o medo da exposição ao vírus.

Se isto não fosse terrível o bastante, a decomposição social do capitalismo recrudescer a face mais odiosa das **violências físicas e sexuais contra mulheres e meninas**. A mesma casa em que fomos orientadas a ficar em isolamento é o cenário dos espancamentos, estupros e outros tipos de violência. Dados do IBGE de 2018 já apontavam que 30,4% dos homicídios de mulheres ocorriam no domicílio. Segundo o Anuário



NOVA PUBLICAÇÃO DO POR:

Revista Proletária na Educação

O novo número da revista da Corrente Proletária, se constitui em uma ferramenta ideológica e prática na luta por erguer uma nova direção para os movimentos da Educação, como parte da tarefa de construção do Partido Operário Revolucionário e reconstrução da IV Internacional, o partido mundial da revolução socialista.

nº 10

ago 2020

Brasileiro de Segurança Pública, o feminicídio cresceu 2% no primeiro semestre de 2020. Dados de São Paulo indicam que alta foi de 41% nos meses de março e abril de 2020.

Direções dos movimentos sindical, popular, estudantil e feministas insistem na conciliação de classes

Se as direções dos movimentos já estavam submetidas à conciliação de classes, sob a pandemia a conciliação assumiu outra forma, uma pretensa unidade nacional contra o vírus. A política burguesa do isolamento social fracassou, não protegeu a vida das massas, já passamos de 260 mil mortos notificados, e o número segue crescendo aceleradamente. Não há como os explorados confiarem suas vidas nas mãos da burguesia. A pandemia tem sido mais uma comprovação desta tese, o isolamento parcial, que nunca chegou às camadas mais pobres, rapidamente foi rompido pelo poder econômico, que decidiu quem seriam os poucos preservados e a imensa maioria exposta nos transportes coletivos, filas do auxílio e locais de trabalho. O acesso à saúde privada também foi decisivo para decidir entre quem vive e quem morre. Muitos dos que dependiam exclusivamente do SUS morreram, sem o atendimento adequado, sem acesso a UTIs ou até mesmo algo básico como o oxigênio. A vacinação, sem o controle operário coletivo do plano de imunização, ocorre ditada pelos interesses em torno da guerra comercial entre Estados Unidos, Europa e China, subordinada ao lucro dos monopólios. A ordem de prioridade desconsidera que o vírus tem sido mais letal nos bairros operários, cortiços e favelas.

Se não se pode confiar a vida dos explorados à burguesia, é preciso que haja sua auto-organização por meio de comitês e assembleias de bairro. As centrais sindicais desmarcaram o ato de 18 de março de 2020, quando ele era mais necessário, deveria ter se transformado em assembleias populares, para aprovar um plano emergencial de proteção à vida da maioria e organizar os métodos necessários para arrancar da



(...) as direções gozaram de sua quarentena, ocultada com o ativismo virtual das lives e a farsa das assembleias online. A ida às ruas, realização de assembleias presenciais e greves ocorreram devido à pressão dos trabalhadores. A política do imobilismo só foi quebrada pelos partidos e pela burocracia sindical nas eleições municipais.

burguesia seus direitos. Nada disso foi feito, as direções gozaram de sua quarentena, ocultada com o ativismo virtual das lives e a farsa das assembleias online. A ida às ruas, realização de assembleias presenciais e greves ocorreram devido à pressão dos trabalhadores. A política do imobilismo só foi quebrada pelos partidos e pela burocracia sindical nas eleições municipais.

A ação destas direções está impregnada de eleitoralismo e também das pseudoteorias que separam a opressão de “gênero” da opressão de classe. As ideologias fabricadas nas academias, fundações e repercutidas pela Organização das Nações Unidas (ONU), transformam a cultura em motor das opressões e discriminações, determinando que o combate se dê por meio de políticas públicas que combinem educação

Publicado o livro:

LEON TROTSKY

A CONTINUIDADE DO MARXISMO-LENINISMO



Este livro objetiva expor essa dialética do combate de Trotsky ao estalinismo. Não há como continuar o marxismo-leninismo sem assimilar esse processo, que se desencadeou já em 1923, quando Lênin ainda vivia e sentia o peso da enfermidade, que o levaria à morte em 1924, e concluiu com o assassinato de Trotsky em 20 de agosto de 1940. Este livro, portanto, é uma homenagem militante, prática, proletária e marxista aos 80 anos de seu assassinato”.

LEON TROTSKY
A CONTINUIDADE
DO MARXISMO-LENINISMO

R\$ **35**

ADQUIRA
COM NOSSO
DISTRIBUIDOR

e repressão e estímulos a um setor privado com mais diversidade. Os revolucionários e revolucionárias há tempos já revelaram que a base da opressão da mulher está na propriedade privada, que a família monogâmica é uma célula econômica e que a libertação das mulheres depende da transformação da propriedade privada capitalista em propriedade social. É preciso rejeitar as falsas saídas dos sistemas integrais de cuidados, que deveriam remunerar as mulheres cuidadoras, ou a mentira de que com a divisão do trabalho doméstico entre homens e mulheres, chegaremos à igualdade. Abaixo as ilusões de que é possível “empoderar” as mulheres em geral e fazer o Estado deixar de corresponder ao domínio patriarcal, se houver mais mulheres em cargos políticos.

É preciso rechaçar as falsas promessas dos Objetivos do Milênio da ONU de que é possível chegar a 2030 à igualdade entre homens e mulheres, um mundo 50-50. As estatísticas concretas, produzidas pela própria burguesia, indicam uma situação de regressividade. Está nas mãos das massas operárias (compostas por homens e mulheres), junto com os demais oprimidos, eliminar a raiz da opressão, expropriando a burguesia e pondo fim a este sistema social esgotado, o capitalismo.

Resposta proletária

As mulheres conscientes que se revoltam contra a opressão cotidiana e estrutural precisam romper com as pseudoteorias feministas e de gênero e marchar sob o programa da classe operária. Que recuperemos as origens operárias e revolucionárias do dia 8 de março e que a data seja um marco na ruptura com o método

das direções conciliadoras de subordinar as lutas à via parlamentar ao eleitoralismo. Ainda está na ordem do dia a necessidade de erguer as assembleias e comitês de base para aprovar um plano emergencial de proteção à maioria explorada. Por uma campanha unitária contra

o fechamento das fábricas e postos de trabalho. Pela revogação das contrarreformas trabalhista e da previdência. Pelo controle da rede privada de saúde pelo SUS, sob o controle dos trabalhadores, um passo para a estatização da rede privada de saúde, sem indenização, e criação de um sistema único, integralmente público, gratuito e sob controle operário. Por vacina a todos, começando pelos bairros operários, cortiços e favelas. Abaixo o EaD excludente, educação e trabalho para a juventude, com jornada compatível.

O socialismo científico há tempos já demarcou que é preciso eliminar a escravidão do lar que pesa sobre as mulheres, por meio da transferência deste trabalho para o Estado, por meio da criação das creches, lavanderias coletivas, restaurantes populares, etc. Que todas mulheres devem ser incorporadas à produção

social, por meio da divisão das horas de trabalho entre todos aptos a trabalhar. Que trabalhos iguais devem ter a mesma remuneração, sem discriminações, que os salários não devem ser inferiores ao salário mínimo vital. Que a função social da maternidade deve ser protegida e que o direito ao aborto seja garantido gratuitamente pelo Estado. É preciso arrancar as raízes de toda opressão, a propriedade privada dos meios de produção. O que só pode ser feito pela insurreição das massas femininas e masculinas, guiadas pelo programa da revolução e ditadura proletárias.



A luta das mulheres trabalhadoras é parte da luta de toda a classe operária, de todos os oprimidos. Rechaçamos toda a tentativa de dividi-la artificialmente.

**PÔR EM PÉ O PARTIDO MUNDIAL DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA
RECONSTRUIR A IV INTERNACIONAL**



R\$35

**ADQUIRA
COM NOSSO
DISTRIBUIDOR
DE MASSAS**